

Relato de Experiência

Educação Financeira: os desafios e a prática docente a jovens aprendizes

Francisco de Sousa Roberto Junior

0000-0002-6832-2642

Rodrigo Avella Ramirez

0000-0001-8468-2851

Helen Regiane Martinez

0000-0002-3399-5492

Priscila Claudia de Jesus Antunes Baumann

0009-0009-0841-6856

Resumo – O Relato de Experiência é uma abordagem qualitativa de pesquisa científica, cujo objetivo é descrever a experiência do pesquisador, na prática docente do ensino sobre Educação Financeira, para um grupo de jovens entre 17 e 21 anos que fazem parte do programa de Aprendizagem Profissional, mais conhecido como programa Jovem Aprendiz em uma instituição de ensino profissional privada do interior do estado de São Paulo. Ao todo foram ministradas quatro aulas sobre a temática Educação Financeira, dentre os principais conceitos abordados estão: o que é o dinheiro, consumo, crédito, spread bancário, juro, empréstimo, financiamento, planejamento financeiro e investimentos. O Relato de Experiência descreve, com detalhes, as práticas docentes utilizadas nas aulas assim como os desafios identificados pelo pesquisador. O estudo ainda conta com a autoavaliação que os alunos fizeram sobre o aprendizado obtido nessas aulas. Pelo relato dos alunos fica evidente que a Educação Financeira é relevante para a conquista de sua autonomia e de seus objetivos pessoais, visto que com o conhecimento adquirido eles entenderam que também precisam agir de forma responsável com os seus recursos financeiros. No estudo também fica evidente que a formação continuada do docente em Educação Financeira é essencial para se alcançar bons resultados, sugere-se que a instituição crie uma formação continuada em Educação Financeira de no mínimo 60 horas. O currículo do programa de Aprendizagem Profissional também deve contemplar um tempo adequado para se tratar de um assunto tão importante para a formação cidadã-crítica dos jovens, que estão adentrando ao mercado de trabalho e construindo assim sua autonomia.

Palavras-chave: Educação financeira. Formação do formador. Saberes docentes. Relato de experiência

Abstract – The Experience Report is a qualitative approach to scientific research that aims to describe the researcher's experience in the teaching practice of teaching Financial Education, to a group of young people between 17 and 21 years old who are part of the Professional Learning program, better known as a Young Apprentice program at a private professional education institution in the interior of the state of São Paulo. In total, four classes were taught on the topic of Financial Education, among the main concepts covered: what is money, consumption, credit, banking spread, interest, loan, financing, financial planning, and investments. The Experience Report describes in detail the teaching practices used in classes as well as the challenges identified by the researcher. The study also relies on the self-assessment that students made about the learning obtained in these classes. From the students' reports, it is clear that Financial Education is relevant to achieving their autonomy and personal goals, since with the knowledge acquired they understand that they also

need to act responsibly with their financial resources. The study also shows that continuing training for teachers in Financial Education is essential to achieve good results. It is suggested that the institution creates continuing training in Financial Education of at least 60 hours. The curriculum of the Professional Learning program must also include adequate time to address such an important subject for the critical citizenship training of young people who are entering the job market and thus building their autonomy.

Keywords: Financial education. Teacher Education. Teaching knowledge. Experience report.

1 Introdução

Desde meados da primeira década do século XXI, as lideranças globais vêm se preocupando com o nível de alfabetização financeira da população em geral. A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) diz:

Considerando que as enquetes de alfabetização financeira feitas nos últimos anos nos países da OCDE mostram que os consumidores possuem baixos níveis de alfabetização financeira e carecem de conscientização sobre a necessidade de serem financeiramente educados (OCDE, 2005).

Alguns autores criticam a educação financeira proposta pela OCDE, alegando que ela serve aos interesses das instituições financeiras (CAMPOS, 2013, p. 15). Neste estudo não será discutido o propósito da educação financeira, mas sim os desafios da prática docente em levar este conhecimento aos alunos.

Apesar do Brasil ainda não ser um membro da OCDE, a alfabetização financeira ou a educação financeira se torna um objetivo público com a criação da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) através do Decreto Federal 7.397/2010, seu objetivo é o de unir esforços das esferas públicas, privadas e da sociedade civil para promover a educação financeira e previdenciária no país. (BRASIL, 2023)

A partir da criação da ENEF alguns de seus membros tem criado as suas políticas de educação financeira e conseqüentemente ações para promovê-la, por exemplo, o Banco Central do Brasil (BCB) criou o programa Cidadania Financeira, que conta com uma página do site do BCB, nesta página explica-se o que é cidadania financeira, um quadro com informações do programa Aprender Valor, destinado à formação em educação financeira para professores e gestores de escolas. Há também hiperlinks para relatórios sobre cidadania financeira, para cursos de educação financeira e para multiplicadores da série “Eu e o meu dinheiro” que consiste em uma série de 5 vídeos que abordam situações do cotidiano que envolvam decisões financeiras. No canal do BCB, no YouTube, além dos vídeos para serem apresentados aos alunos, há vídeos que explicam como o multiplicador poderá estimular a discussão e a reflexão dos alunos em cada vídeo.

Na educação regular, o Ministério da Educação inseriu a educação financeira na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2017 para o ensino fundamental e em 2018 para o ensino médio. (BRASIL, 2018). A BNCC cita o aumento da relevância da educação financeira para a formação dos jovens na construção dos seus projetos de vida e no exercício da cidadania (BRASIL, 2018, p. 568).

Com este contexto nacional posto, este estudo consiste em um relato de experiência que se deu em uma turma de “Jovens Aprendizes” de uma instituição privada de ensino profissional nos dias 24, 26 e 31/07 e 02/08/2023. O trabalho do menor de 18 anos tem amparo legal desde 1943 com a criação da Consolidação

das Leis Trabalhistas (CLT) através da lei n.º 5.452. Atualmente é regulamentada atualmente pela lei n.º 10.097 de 19 de dezembro de 2000.

2 Objetivo

Este estudo pretende, relatar a prática e os desafios docentes para o ensino, sobre educação financeira para jovens entre 17 e 21 anos, do programa de Aprendizagem Profissional em uma instituição de ensino profissional privada situada no interior do estado de São Paulo, por meio do relato de experiência do autor.

3 Referencial Teórico

Relatos de experiência fomentam a aprendizagem, o ambiente escolar requer voz e atenção, pois, é um ambiente de uma prática social, de desenvolvimento profissional e de construção de conhecimento. O saber da experiência está relacionado com o conhecimento e a vida humana. É o saber de troca de experiências, relatos, compartilhamento, diálogo e de histórias de vida. Larossa (2015) enfatiza que o saber da experiência é o saber que gera conhecimento, que pode ser refletido e compartilhado no coletivo. Mediante o conceito de experiência de Larrosa, a experiência é tudo que passa por nós deixando alguma marca. Não basta simplesmente que um acontecimento passe em nossas vidas, é preciso que ele nos desperte, transforme, ressignifique valores e sentidos.

Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude (LAROSSA. 2002, p. 27).

No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem sentido do que nos acontece. É esse saber da experiência tem algumas características essenciais que o opõem, ponto por ponto, ao que entendemos como conhecimento (LAROSSA. 2015, p.32). O saber da experiência é um saber contínuo de sentidos, reinventado e de ressignificados que acontecem na vida de um indivíduo e que pode refletir em outro. Há narrativa autobiográfica, quando a pessoa que narra faz uma reflexão sobre sua própria vida e a experiência vivida, geralmente, escrita na primeira pessoa: eu (auto).

Conforme afirma Ramirez (2014, p. 75), ao considerar-se a experiência como fonte de saberes, ter a condição e a capacidade de voltar-se para a própria atividade docente, recorrer à sua história de vida, e conseqüentemente à memória, torna-se um exercício necessário. Com o passar dos tempos o docente adquire experiências, amplia e constrói seus saberes.

Conforme a necessidade de utilização, seus percursos profissionais e experiências, o saber docente é construído, o que confere a esse saber um viés identitário. Tardif (2014) confirma, pois, o saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola (TARDIF. 2014, p.11).

Uma experiência narrada, refletida e discutida sob a forma de relato de experiência é conferir-lhe um caráter de teoria, pois,

a transformação de uma experiência em uma narrativa é, por si só, um ato de seleção e reconceptualização. Ao converter uma experiência de primeira ordem em uma experiência de segunda ordem por meio da narrativa, um autor já optou por configurar uma experiência de forma particular, já colocou tal experiência em termos mais gerais. Quando o leitor de um caso relaciona essa narrativa às suas experiências, um segundo tipo de seleção ocorre. (...) parece ser uma característica de nossa espécie que histórias deem origem a outras histórias e, implicitamente, às categorias de análise que relacionam as histórias umas às outras conceitualmente. Mesmo no ato concreto da narrativa, categorias teoricamente subjacentes emergem e frequentemente se tornam explícitas. (...) Há quatro processos operando na aprendizagem a partir da escrita e consideração de casos: estes são ação/representação de algo, narração, conexão (ou recontagem) e abstração. Histórias começam a partir da experiência bruta, são transformadas em casos por meio de narração, tornam-se parte de uma rede de narrativas por meio de conexões com outros casos e enriquecem e são enriquecidos pela teoria quando são analisados, interpretados e/ou classificados nas conversações dos professores (SHULMAN,1996 apud MIZUKAMI,2004, p.10).

No ambiente educativo apropria-se dos relatos de experiência, mais especificamente o método autobiográfico e as narrativas de formação, como movimento de investigação-formação, seja na formação inicial ou continuada de professores/professoras. Classificada como método, como técnica e ora como método e técnica, a abordagem biográfica, também denominada história de vida, apresenta diferentes variações face ao contexto e campo de utilização.

No contexto deste estudo, o que se busca é o relato de experiências de docência no ensino da educação financeira. A educação financeira torna-se uma questão educacional global, quando em julho de 2005 a OCDE emite uma recomendação sobre os princípios e as boas práticas de educação e conscientização financeira dizendo:

RECOMENDA que os países membros promovam educação e conscientização financeira e, nesse contexto, que governos e instituições públicas e privadas pertinentes levem em conta e coloquem em prática os princípios e as melhores práticas para educação e conscientização financeira estabelecidos no anexo desta Recomendação e que fazem parte deste documento. (OCDE, 2005)

A OCDE entende a educação financeira como um processo de aprimoramento da compreensão de um indivíduo sobre conceitos financeiros, como riscos, retorno, liquidez, juros, etc. que lhe permitirão escolher os melhores

produtos e serviços financeiros adequados a sua necessidade, desta forma entende-se como o propósito da educação financeira, é prover condições para se fazer as melhores escolhas financeiras, proporcionando ao indivíduo a melhora do seu bem-estar financeiro.

A educação financeira pode ser definida como "o processo pelo qual consumidores/investidores financeiros aprimoram sua compreensão sobre produtos, conceitos e riscos financeiros e, por meio de informação, instrução e/ou aconselhamento objetivo, desenvolvem as habilidades e a confiança para se tornarem mais conscientes de riscos e oportunidades financeiras, a fazer escolhas informadas, a saber onde buscar ajuda, e a tomar outras medidas efetivas para melhorar seu bem-estar financeiro". Educação financeira, portanto, vai além do fornecimento de informações e aconselhamento financeiro, o que deve ser regulado, como geralmente já é o caso, especialmente para a proteção de clientes financeiros (por exemplo, consumidores em relações contratuais). (OCDE, 2005)

Se entendermos que o bem-estar tem relação tanto com a saúde física e emocional do indivíduo como com suas escolhas (GRAMMS e LOTZ, 2017, p. 19), infere-se que a educação financeira pode prover um sentimento de bem-estar. Mas o que é necessário para se alcançar o bem-estar financeiro? Segundo o Consumer Financial Protection Bureau (CFPB), bem-estar financeiro é a capacidade que o indivíduo tem de honrar com suas obrigações financeiras atuais e futuras e que lhe permita ter liberdade de escolhas para aproveitar a vida. (CFPB, 2015, p. 5)

O CFPB ainda diz:

[...] que existem quatro elementos que compõe o bem-estar financeiro:

- Ter controle sobre as finanças no dia a dia;
- Ter a capacidade de absorver um choque financeiro;
- Estar no caminho para atingir seus objetivos financeiros;
- Ter liberdade financeira para fazer escolhas que permitam-lhe aproveitar a vida. (CFPB, 2015, p. 5, tradução nossa)

Então, o bem-estar financeiro envolve a habilidade para gerir seus recursos financeiros de forma que lhe permita se proteger das inconstâncias do mundo a sua volta, que lhe permita construir seu projeto de vida e ter liberdade de escolha.

Para se conseguir a habilidade necessária para gerir suas finanças é preciso ter o conhecimento, a habilidade e, principalmente, atitude para gerir suas finanças (OLIVEIRA, 2019). Segundo Vieira et al. A alfabetização financeira pode contribuir de forma significativa para o desenvolvimento do bem-estar financeiro de um indivíduo, pois com maior conhecimento, melhores decisões (VIEIRA, FRAGA, et al., 2016).

Para Ditta (2023, p. 32), a educação financeira deveria transcender os aspectos econômicos e o incentivo ao consumo para assumir o papel de promotora de independência, consciência e autonomia para o indivíduo. Já, Campos (2013, p. 13) entende a educação financeira como uma prática social que quando associada a um senso crítico, permite ao indivíduo a possibilidade de mudar o seu contexto social, lhe proporcionando uma emancipação socioeconômica.

Para a OCDE (2005) a educação financeira deve prover ao indivíduo competências na gestão de suas finanças, na aquisição de produtos e serviços financeiros de forma segura, na proteção do seu patrimônio que lhe permita ter uma vida financeiramente equilibrada e uma velhice tranquila. Cabe aqui uma reflexão importante, sobre a desigualdade social. Para Ditta (2023, p. 21), todos podem usufruir das benesses do capitalismo, entretanto as camadas mais pobres da sociedade não possuem informação para lidar com os diversos produtos financeiros disponíveis atualmente.

4 Método

A pesquisa científica é fundamental para se promover o conhecimento existente. Segundo Sampiere, Collado e Lucio (2013, p. 21), “Quanto mais pesquisa for gerada, mais progresso existe.”. Eles ainda dizem que ela é mais rigorosa e sistemática que as demais pesquisas que usamos em nosso cotidiano.

Ao pensar sobre a pesquisa científica, Creswell e Creswell (2021, p. 3) identifica três tipos de abordagem, são elas: a quantitativa, a qualitativa e a mista.

A abordagem utilizada neste estudo é a qualitativa, visto que o seu propósito é compreender os desafios docentes para o ensino sobre educação financeira para jovens. Creswell e Creswell (2021, p. 3) diz que, “A *pesquisa qualitativa* é uma abordagem voltada para a exploração e para o entendimento do significado que indivíduos ou grupos atribuem a um problema social, ou humano.” Sampiere, Collado e Lucio (2013, p. 376) dizem que “[...] o foco da pesquisa qualitativa é compreender e aprofundar os fenômenos explorados, a partir da perspectiva dos participantes em um ambiente natural e em relação ao contexto.”

A pesquisa foi realizada em uma turma de Jovens Aprendizes com 15 alunos entre 17 e 21 anos de uma instituição privada de ensino profissional nos dias 24, 26 e 31/07 e 02/08/2023, a duração das aulas foram de 3:30 (três horas e trinta minutos) cada, totalizando 14:00 (quatorze horas) de interação com os alunos. As aulas foram ministradas pelo pesquisador, o conteúdo sobre educação financeira é previsto pelo currículo do curso e a instituição possui um livro de referência distribuído aos alunos ao iniciarem o curso. O pesquisador é funcionário da instituição desde 2012, atua como docente da área de gestão e negócios, mas não faz parte do quadro de docentes da área que supervisiona os cursos do programa Jovem Aprendiz, ele foi chamado para substituir um docente que estava em gozo de suas férias nesse período. O pesquisador além da sua formação acadêmica possui formação em planejamento financeiro pessoal, pela PLANEJAR¹ e pelo Banco Central do Brasil por meio do programa “Cidadania Financeira”.

Em vista da limitação de tempo destinada a abordar o tema Educação Financeira, o pesquisador determinou os seguintes tópicos a serem abordados nas aulas: consumo, crédito, planejamento financeiro e poupança. As práticas pedagógicas utilizadas foram: Exposição dialogada, apresentação de vídeos seguidos de discussões em grupo e atividades para a consolidação dos conceitos

¹ A PLANEJAR é uma associação civil que promove a profissão de planejador financeiro pessoal e os certifica, com base nos critérios do Financial Planning Standards Board (FPSB). Fonte: <https://planejar.org.br/quem-somos/>, consultado em 11/08/2023.

abordados. Ao término de cada aula o pesquisador fazia o relato das suas experiências por escrito em um arquivo de texto.

Antes de encerrar a última aula o pesquisador solicitou aos alunos que respondessem a um questionário, esse questionário é composto por quatro partes, a primeira parte são questões fechadas para determinar o perfil dos alunos, como faixa etária, sexo, número de pessoas que moram com o aluno e renda familiar. A segunda parte é composta por duas questões fechadas onde os alunos identificam se o conteúdo abordado é relevante ou não para eles e quais dos conteúdos eles consideram mais relevantes, assinalando as opções existentes. A terceira parte é composta por quatro questões sendo duas fechadas e duas abertas, essas questões servem para avaliar a linguagem utilizada pelo docente e o formato das aulas (metodologias). As perguntas abertas serviram para os alunos se manifestarem, caso considerem que algo poderia ser melhorado. A última parte do questionário é composta por uma pergunta aberta onde o aluno poderia expressar como ele acredita que as aulas sobre educação financeira contribuíram para a sua vida.

No próximo capítulo é apresentado o registro das aulas com o relato da experiência do pesquisador, na docência de educação financeira aos jovens aprendizes.

5 Resultados e Discussão

A seguir será apresentado o relato de cada aula segundo as observações realizadas pelo pesquisador.

1ª aula – 24/07/2023 – No momento inicial da aula o pesquisador se apresentou aos alunos, em seguida eles se apresentaram ao pesquisador, o objetivo desta atividade é o de criar uma conexão com a turma. Em seguida foi realizada uma avaliação diagnóstica, na primeira questão foi como o aluno define a importância da EF em suas vidas, e que justificassem suas respostas, todos disseram que a EF era importante, alguns usaram a justificativa do controle de gastos, outros justificaram para melhorar como investem o seu dinheiro, e alguns não souberam justificar, apenas disseram que era importante, mas não sabiam o porquê, a segunda pergunta foi pra identificar o que eles sabiam sobre educação financeira. Nas respostas dadas o que se observa é que cada aluno tem um enfoque específico, alguns falam sobre controle de gastos, outros sobre o consumo compulsivo e outros como investir melhor o seu dinheiro. Teve um aluno que se absteve de responder às questões realizadas. Quando foram questionados sobre o que eles esperavam ao aprender sobre educação financeira, as respostas foram parecidas com as anteriores, esperam controlar os gastos, evitar as compras por impulso, investir melhor, poupar para o futuro, etc. Em seguida foi apresentado um trecho do capítulo 10 do livro Sapiens: uma breve história da humanidade do Yuval Harari. Que aborda o dinheiro, o objetivo é levar os alunos a uma reflexão sobre o conceito do dinheiro. Após a leitura os alunos responderam a 5 questões sobre trechos do livro, em seguida apresentaram as suas respostas e por fim lhes foi perguntado se o conceito de dinheiro deles mudou após a leitura e reflexão do texto. A resposta foi positiva para a grande maioria, de forma geral eles entenderam que o dinheiro é um instrumento de troca e que para funcionar ele deve ser aceito pelas

peças, ou seja, as pessoas precisam acreditar que com aquele pedaço de papel é possível atender as suas necessidades e desejos, reforçando a própria fala do Harari, que “[...]o dinheiro é o mais universal e mais eficiente sistema de confiança mútua já inventado.” (2015, p.219). Em relação aos desafios observados pelo pesquisador nessa aula, o primeiro foi o de criar uma conexão com os alunos, comunicar-se com um público mais jovem é um desafio, pois o pesquisador costuma ter turmas com idade média entre 23 e 26 anos. Outro desafio foi o de mantê-los focados nas atividades em grupo, a sala era grande e as “panelinhas²” ficaram espalhadas pela sala, mas apenas um grupo ficou focado, talvez pelo interesse no assunto.

2ª aula – 26/07/2023 - Nesta aula o assunto principal foi o consumo por impulso, como estratégia de aprendizagem foram utilizados vídeo com perguntas de reflexão para ser discutida abertamente em grupo. O vídeo utilizado foi “Eu vou levar” da série “Eu e o meu dinheiro” produzidos pelo programa Cidadania financeira do Banco Central do Brasil. O interessante desse vídeo é que ele retrata bem uma rotina dos jovens que é o de comprar um par de tênis, mas o tema principal dele é a diferença entre desejo e necessidade, mas são abordados outros pontos como compra à vista com desconto ou compra a prazo com juros, endividamento e bem-estar financeiro. O engajamento na discussão foi muito satisfatório, visto que todos tinham uma experiência semelhante para relatar. Na segunda parte da aula foi apresentado mais dois vídeos, o segundo vídeo do dia, também é da série “Eu e o meu dinheiro” do BCB, este trata das estratégias de vendas utilizadas no dia a dia, que mais parecem armadilhas para nos fazer comprar sem precisar, durante a discussão em grupo muitos perceberam que já se viram ou viram pessoas próximas nas mesmas situações que a personagem principal deste vídeo, apenas um dos alunos se absteve de participar da discussão, mesmo sendo estimulado a participar. Para o final da aula o pesquisador apresentou um vídeo sobre um estudo social que observa o comportamento das pessoas em grupo, o objetivo deste estudo é o de mostrar como somos induzidos a repetir um comportamento específico de um grupo sem questionar, apenas para não se sentir “excluída” daquele grupo. Após a apresentação do vídeo os alunos foram questionados, se muito dos seus comportamentos de consumo, não se dá para que eles não se sintam excluídos do seu grupo social? Alguns afirmaram que sim, mas a maioria ficou indecisa em sua resposta e se abstiveram de responder.

3ª aula – 31/07/2023 – Na terceira aula o objetivo foi trabalhar com os alunos os conceitos de crédito e o de planejamento financeiro. Ao trabalhar o conceito do crédito foi solicitado aos alunos a leitura do 3º capítulo do livro de referência e ao final da leitura eles deveriam responder às questões da página 51. Apesar de todos os alunos receberem os livros e estarem cientes de que deveriam trazê-lo, dois alunos não o trouxeram. O texto lido pelos alunos trata de alguns conceitos fundamentais relacionados ao crédito como, as pessoas poupadoras e as gastadoras e como elas movimentam o sistema financeiro, o juro, que tem como finalidade remunerar o dono do dinheiro, o “spread bancário”, que é a diferença entre o juro que cobrado do tomador de empréstimo (gastador) e aquele que é pago ao investidor (poupador), foi citado no texto a relação entre a taxa de juro e o risco, em seguida foi abordada a diferença entre

² “Panelinhas” é o termo dado para grupos de pessoas com interesses em comum, ou que se agrupam por afinidades, geralmente após a formação desses grupos, o acesso de outras pessoas só é concedido se a aceitação for unânime.

empréstimo e financiamento e finalizando com os conceitos de juros simples e compostos. Após a leitura e deles responderem ao questionário, o pesquisador pediu aos alunos que fizessem uma breve exposição do que eles entenderam do que haviam lido, o que acabou sendo mais uma exposição do que eles não entenderam. Os principais tópicos discutidos junto ao pesquisador, foram: o spread bancário e a diferença entre empréstimos e financiamentos. Em relação ao spread bancário o pesquisador explicou aos alunos como se ele fosse o pagamento que uma instituição financeira recebe por intermediar as negociações entre poupadores e gastadores, já a diferença entre empréstimo e financiamento é que no caso do financiamento os recursos financeiros emprestados possuem uma finalidade específica como comprar uma moto – a moto foi utilizada como um exemplo devido à proximidade com a realidade de alguns alunos, que já fizeram um financiamento para comprar uma ou que tem essa possibilidade em um futuro próximo. – Desta forma é possível utilizar o próprio bem que está sendo financiado como garantia em caso de inadimplência, como consequência de um risco menor a taxa de juro aplicada no financiamento é mais baixa que o de um empréstimo. Um dos alunos chegou a citar que a aula foi muito esclarecedora, pois está querendo financiar um apartamento em breve. Na segunda parte da aula o tema foi o planejamento financeiro, o objetivo da aula era que os alunos aprendessem a fazer um orçamento pessoal. A aula se iniciou com a apresentação de um vídeo da série “Eu e o meu dinheiro” que retrata uma família fazendo um planejamento financeiro, em seguida realizou-se uma discussão em grupo, onde os alunos colocaram os seus pontos de vista, sobre a situação apresentada no vídeo, a principal discussão ficou sobre os valores dos gastos que cada membro da família fazia, com destaque para a filha do casal que gastava mais de R\$ 300,00 (trezentos reais) com o serviço pós-pago de telefonia celular. Em seguida foi realizada uma exposição dialogada, começando pelo propósito do planejamento financeiro, em seguida foi abordado as classificações de um orçamento, como receitas e despesas e suas subcategorias, após as explicações foi solicitado aos alunos que fizessem um orçamento pessoal. Logo após foi realizada uma discussão em grupo sobre o orçamento que cada um fez, para deixar claro, os alunos não abriram para o grupo os seus orçamentos pessoais, mas falaram sobre suas impressões ao fazê-lo, bem, em primeiro momento os alunos reclamaram que praticamente não sobra nada do seu salário, com base nesse descontentamento da turma foi levantada a seguinte questão, por que não sobre nada do salário de vocês? De imediato eles responderam porque ganham pouco. A aula foi encerrada ao solicitar aos alunos que refletissem se eles poderiam diminuir algum destes gastos listados por eles ou até eliminá-los? O objetivo desta questão é o de fazê-los refletir sobre a diferença entre necessidade e desejo. Alguns disseram que era possível e outros disseram que era impossível, pois aqueles gastos seriam o mínimo para eles terem uma vida “confortável”.

4ª aula – 02/08/2023 – Na quarta e última aula o tema proposto foi a poupança, mais especificamente o ato de poupar. A aula foi trabalhada com a abordagem da exposição dialogada com apoio de slides e vídeos e discussões em grupo. Para contextualizar a importância de poupar, o pesquisador trouxe como pano de fundo o ciclo de vida financeiro que apresenta os estágios da vida e a acumulação de capital, em seguida foi apresentado aos alunos o conceito de bem-estar financeiro descrito pelo CFPB. Um dos tópicos do conceito de bem-estar financeiro está relacionado à “Ter a capacidade para absorver um choque financeiro.” (2015). Entende-se por choque financeiro a possibilidade de um indivíduo perder a sua principal fonte de renda, seja pelo desemprego ou por um afastamento temporário

do trabalho, ou qualquer outra situação. Desta forma a necessidade de se ter recursos financeiros para absorver estes choques se faz necessário, mas para isso o indivíduo precisa poupar. Ao serem indagados pelo pesquisador se algum deles possuía uma reserva de emergência, a resposta da maioria foi negativa e quase em tom de cinismo, um aluno respondeu “poupar como?! Se o que ganho é muito pouco!”. Uma aluna diz que poupa esporadicamente e outra poupa sistematicamente. Diante deste cenário foi explicado aos alunos como eles podem estimar o valor de uma reserva de emergência para 3 ou 6 meses. Em seguida o pesquisador abordou a relação das finanças com os projetos de vida de médio e longo prazo, como o financiamento de um veículo ou um imóvel, o objetivo foi o os levar a uma reflexão sobre o poupar hoje para comprar amanhã contra comprar hoje e pagar muito juros, foi apresentado aos alunos o quanto se paga de juros em financiamentos de bens em sistemas de amortização constante (SAC) utilizando-se uma planilha eletrônica, como exemplo foi utilizando um financiamento de R\$ 140.000,00 (cento e quarenta mil reais) a um prazo de 360 meses a uma taxa de aproximadamente 7,94% ao ano, se mantida essas condições o tomador de empréstimo pagaria mais de R\$ 160.000,00 (cento e sessenta mil reais) de juros, ou seja, aproximadamente 114% sobre o valor financiado, a reação geral dos alunos foi de espanto.

Na segunda parte da aula o objetivo foi introduzir os conceitos que acercam o mundo dos investimentos, como a relação entre risco e retorno, liquidez. Segundo Coutinho, Padilha e Klimick (2018, p. 128) risco é a possibilidade de algo negativamente inesperado acontecer, para a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e a Associação Brasileira de Planejadores Financeiros (PLANEJAR) (2019, p. 59) todo investimento possui algum risco, que são negligenciados por alguns investidores, já o retorno é a expectativa de ganho sobre um investimento (COUTINHO, PADILHA e KLIMICK, 2018, p. 128) entretanto a maioria dos investidores toma suas decisões de investimento com base no retorno obtido, o que pode ser um problema, pois não há garantias de que um ganho passado irá se repetir. (COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS - CVM; ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PLANEJADORES FINANCEIROS, 2019, p. 60). A relação entre risco e retorno é que quanto mais arriscado for o investimento espera-se um maior retorno (COUTINHO, PADILHA e KLIMICK, 2018, p. 129). Já a liquidez é a capacidade de converter um investimento em dinheiro disponível, ou seja, quanto mais fácil a negociação de um investimento, maior é a sua liquidez. (COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS - CVM; ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PLANEJADORES FINANCEIROS, 2019, p. 60).

Após a exposição sobre os conceitos, foi explicado os principais tipos de investimentos existentes, como:

- a) Poupança;
- b) CDB;
- c) LCI/LCA;
- d) Tesouro Direto;
- e) Câmbio;
- f) Fundos de investimentos; e
- g) Criptomoedas.

Durante a exposição de cada investimento, foi sendo correlacionada as classificações existentes de investimento como a renda fixa e renda variável.

Segundo Coutinho, Padilha e Klimick (2018, p. 131) “**Renda fixa**: são aplicações financeiras em que o investidor sabe antecipadamente o quanto receberá de retorno. [...] **Renda variável**: são os investimentos em que não é possível saber antecipadamente o retorno.”

Ao final da aula os 13 alunos presentes responderam a um questionário estruturado com perguntas abertas e fechadas, para o efeito desejado deste estudo, será apresentada uma análise das respostas da última questão: “Faça um breve resumo de como essas aulas contribuíram ou irão contribuir para a sua vida?”

Nos relatos dos alunos se percebe que a maior contribuição das aulas está no controle dos gastos, muitos acabam gastando sem pensar, como o aluno que diz: “Contribuí, pois, gasto sem pensar e isso me faz perder o controle, com as aulas me fez ver que não há necessidade de gastar sem que seja necessário.” (ALUNO 9). Um aluno, por exemplo, compreendeu que ao reduzir os seus gastos ele poderá investir a longo prazo, demonstrando uma preocupação com o seu futuro. “Essas aulas contribuíram muito para mim, vi que estou gastando muito e agora aprendi a administrar melhor meu dinheiro. Irá contribuir muito na minha vida, ainda aprendi a investir a longo prazo.” (ALUNO 8) Dois alunos trazem ainda o aprendizado sobre o uso do crédito nas compras, esse aprendizado é importante, pois ao aluno entende que ao utilizar o crédito nas suas compras ele usará um dinheiro que não é seu e conseqüentemente ele irá remunerar a instituição financeira que lhe concedeu o crédito com o pagamento de juros. (COUTINHO, PADILHA e KLIMICK, 2018, p. 42-43). Os alunos dizem que:

Estas aulas me ajudaram a entender melhor como lidar com meu dinheiro, tanto no presente, quanto para o futuro, se devo usar débito ou crédito, como funcionam os juros e quais meios devem ou são melhores para quem deseja investir no geral. Basicamente foi útil para entender o dinheiro de modo geral, aula supercompleta (ALUNO 2).

Com o que eu aprendi nessas aulas, irá me ajudar com os meus gastos. Aprendi o jeito que o crédito funciona e já comecei a aplicar isso, como também o consumo que irei começar pôr em prática o ato de consumir só que for necessário e economizar, pensando no futuro (ALUNO 3).

Outro aprendizado que os alunos relataram como importante foi o de investir com foco em objetivos futuros.

As aulas irão me ajudar a controlar, investir e a poupar meu dinheiro, fazendo com que eu alcance meus objetivos, que é ter uma empresa própria. Fiquei muito feliz com as aulas e pude aprender e conhecer sobre assuntos que eu nunca tinha ouvido falar (ALUNO 4).

Apesar de algo essencial para a sobrevivência, muita das vezes, não sabemos muito sobre o dinheiro e nem reparamos onde investimos ele. Por isso, essas aulas foram úteis para eu refletir sobre o futuro do meu dinheiro, de fato (ALUNO 10).

Um dos alunos relata a intenção de financiar um apartamento e as aulas lhe permitiram conhecer conceitos que ajudarão na tomada de decisão de forma consciente. “*Contribuíram muito, pois estou prestes a financiar um apartamento e agora tenho noção de como funciona as taxas e amortizações, e também vou poder investir com mais consciência.*” (ALUNO 11).

No Decreto n.º 7.397 de 2010 em seu 1º artigo diz “Fica instituída a Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF com a finalidade de promover [...]a tomada de decisões conscientes por parte dos consumidores.” (BRASIL, 2010). O

relato do Aluno 11 demonstra que esse objetivo no mínimo foi levado em consideração.

As aulas trouxeram o básico em educação financeira com a proposta de promover a reflexão sobre as atitudes dos alunos e lhes fornecer instrumentos para tomada de decisões conscientes e assim possam alcançar um equilíbrio em suas vidas.

“Contribuíram para entendermos o básico de finanças, assim adquirindo mais educação financeira. Se colocarmos tudo o que foi falado em prática, teremos uma vida mais tranquila no sentido de finanças. Que Deus te abençoe prof. (ALUNO 5).”

6 Considerações finais

O relato demonstra alguns desafios enfrentados pelo pesquisador ao ministrar as aulas sobre educação financeira aos jovens de uma das turmas do programa Jovem Aprendiz. Entre eles podem ser citados: a linguagem utilizada pelo pesquisador não criou uma conexão imediata com os alunos, necessitando uma adaptação por parte do pesquisador. A imaturidade e o excesso de otimismo em relação ao futuro fazem com que os alunos não percebam a urgência com a qual deve pensar e agir sobre suas finanças. O número de aulas destinadas ao ensino sobre educação financeira também se mostra um desafio, visto que não é possível aprofundar certos conhecimentos, como os cálculos de juros, amortizações, análise do perfil do investidor, seguros e previdência.

Apesar dos desafios apresentados as aulas levaram aos alunos alguns esclarecimentos sobre finanças, visto que este tema é muito novo para eles, para a grande maioria deles é o primeiro emprego e a falta de contato com o tema os levaram a situações desfavoráveis.

É importante repensar tanto o currículo do curso do programa de Aprendizagem Profissional (Jovem Aprendiz) da instituição, assim como investir na formação continuada de seus professores para se apropriarem deste conhecimento, o que permitirá o alcance de um número maior de jovens conscientes de suas decisões financeiras. Sugere-se que a instituição crie uma capacitação em Educação Financeira para os docentes do programa de Aprendizagem Profissional de no mínimo 60 horas, podendo utilizar como base o livro de referência que eles disponibilizam aos alunos.

Referências

BRASIL. Decreto nº 7.397, de 22 de dezembro de 2010. Institui a Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF, dispõe sobre a sua gestão e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, edição 245, seção 1, p. 7, 23 dezembro 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7397.htm. Acesso em 07 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular. Versão Final.** Brasília. 2018. disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em 22 jul.2023.

BRASIL. **Cidadania Financeira.** Banco Central do Brasil. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/cidadaniafinanceira>. Acesso em: 3 ago 2023.

BRASIL. **Quem Somos: Estratégia Nacional de Educação Financeira.** Disponível em: <https://www.vidaedinheiro.gov.br/quemsomos/>. Acesso em: 3 ago 2023.

CAMPOS, André B. **Investigando como a educação financeira crítica pode contribuir para a tomada de decisões de consumo de jovens-indivíduos-consumidores (JIC's).**2013. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Matemática). Instituto de Ciências Exatas. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, p. 177. 2013.

CFPB. **Financial well-being:** The goal of financial education. United States. [S.l.]. 2015.

COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS - CVM; ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PLANEJADORES FINANCEIROS. **Planejamento financeiro pessoal.** Rio de Janeiro: [S.n.], 2019. 288 p. Disponível em: https://www.gov.br/investidor/pt-br/educacional/publicacoes-educacionais/livros-cvm/livro_top_planejamento_financeiro_pessoal.pdf. Acesso em: 05 ago 2023.

COUTINHO, Laura; PADILHA, Heloísa; KLIMICK, Carlos. **Educação financeira:** como planejar, consumir, poupar e investir. São Paulo: Senac, 2018. 192 p. ISBN 978-85-396-2305-1.

CRESWELL, John W.; CRESWELL, J. D. **Projeto de Pesquisa:** métodos qualitativos, quantitativos e misto. Tradução de Sandra Maria Mallmann Rosa. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2021. 234 p. ISBN 978-65-81334-18-5.

DITTA, Aline W. C. **Educação financeira como tema transversal na educação profissional:** desafios para a formação de educadores de jovens aprendizes.2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional) Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza - CEETEPS. São Paulo. 2023.

GRAMMS, Lorena C.; LOTZ, Erika G. **Gestão da qualidade de vida no trabalho.** Curitiba: Intersaberes, 2017.284 p. ISBN 978-85-59723-81-6

HARARI, Yuval N. **Sapiens, uma breve história da humanidade**. Tradução: Janaína Marcoantonio. Porto Alegre. L&PM, 2015. 464 p.

LARROSA, J. Ferido de realidade e em busca de realidade. Notas sobre linguagens da experiência. In: LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 73-122.

MIZUKAMI, M. da G. N. (2011). Aprendizagem da docência: algumas contribuições de L. S. Shulman. **Educação**, 29(2), 33–50. Recuperado de <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/3838>

OCDE. Centro OCDE/CVM de Educação e alfabetização financeira para América Latina e Caribe. **Recomendação sobre os Princípios e as Boas Práticas de Educação e Conscientização Financeira**. 2005. Disponível em: <https://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/%5BPT%5D%20Recomenda%C3%A7%C3%A3o%20Princ%C3%ADpios%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Financeira%202005%20.pdf>. Acesso em 31 jul. 2023.

OLIVEIRA, Elton P. D. **Qualidade de vida no trabalho: relação com literacia financeira, bem-estar financeiro, e desempenho no trabalho**. 2019. Tese (Doutorado em Administração) Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de São Paulo. São Paulo. 2019.

RAMIREZ, R. A. **Histórias de vida na formação do professor**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2014.

RAMIREZ, R.A. **Aprendizagem da Docência :A Língua Inglesa no Ensino Superior Tecnológico Experiências, Práticas e Desafios**. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, p.215.2017.

SAMPIERI, Roberto H.; COLLADO, Carlos F.; LUCIO, Maria D. P. B. **Metodologia de Pesquisa**. Tradução de Daisy Vaz de Moraes. 5ª. ed. Porto Alegre: Penso, 2013. 624 p. ISBN 978-85-65848-28-2.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

VIEIRA, Kelmara M. *et al.* De onde vem o bem-estar financeiro? Análise dos fatores comportamentais, do gerenciamento financeiro e da renda. **Teoria e prática em administração**, 2016. 136-171.